

A pessoa negra e a pesquisa narrativa: relato de experiência entre o Protocolo de Schütze e três baianas de acarajé¹

Renata Dias Oliveira²
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

Este resumo pretende evidenciar as hierarquias raciais estabelecidas na produção de dados na pesquisa científica em comunicação articulando uma perspectiva crítica ao Protocolo de Entrevista Narrativa (EN) idealizado por Fritz Schütze (2011). A discussão baseia-se em uma investigação que teve como foco as vivências de três baianas de acarajé residentes em municípios baianos situados em diferentes regiões do estado. O texto apresenta, de forma analítica, uma abordagem decolonial ao Protocolo, de maneira que alcance a produção, a textualização e a análise das entrevistas, expondo a conciliação, no processo investigativo, da aplicação de um circuito existente à dimensão autoral da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação antirracista; Entrevista Narrativa; Metodologia de comunicação; Decolonialidade

INTRODUÇÃO

O enfrentamento ao epistemicídio perpassa por iluminar questões étnico-raciais atreladas aos aspectos metodológicos da pesquisa científica. George Dei e Gurpreet Johal (2008), ao analisarem as hierarquias raciais estabelecidas na produção de dados, nos convidam a observar a maneira como definimos e operacionalizamos o como da investigação antirracista. Para tanto, apresenta-se nestas linhas a experiência de aplicação de um dispositivo de produção e análise de dados de pesquisas em Comunicação: a Entrevista Narrativa (EN), idealizada por Fritz Schütze (2011). Orientada pelo que perceberam Jônata Moura e Adair Nacarato (2017), esta metodologia “busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e/ou semiestruturadas e permite identificar as estruturas sociais que moldam as experiências” (p. 16),

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo - USP. E-mail: rdias.oliveira@usp.br.

propósitos valiosos para uma pesquisa que objetiva investigar como baianas de acarajé, ícones da cultura brasileira, formulam uma representação de si, tomando os textos narrativos decorrentes das suas vivências como foco de análise.

Utilizamos a EN para geração dos dados da pesquisa, visto que nelas o sujeito se expressa, trazendo em sua voz o tom de outras, pensando no contexto de suas identidades, classe social, momento histórico, social e cultural. No entanto, os estudos investigativos que envolvem raça e antirracismo apresentam desafios teóricos e epistemológicos fundamentais, por exemplo, os métodos de obtenção, classificação e análise de narrativas orais da pessoa negra, porque como sinaliza Barbosa (2016), a comunicação praticada pelos africanos em diáspora e seus descendentes foi forjada na memória e no ato narrativo, consideradas as condições extremamente violentas da escravização praticada no Brasil. Esta condição nos enseja a revisar, acessar, interrogar, validar, afirmar ou desafiar os procedimentos metodológicos aplicados de maneira a contribuir com o aprimoramento da prática investigativa na pesquisa científica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A meticulosidade com a qual engendra um procedimento investigativo baseado em narrativas orais é uma qualidade do pensamento de Schütze (2011) de grande valor para os estudos na Comunicação. Prova disso é que o autor nos apresenta um detalhado Protocolo referente às etapas posteriores à coleta dos dados empíricos: *identificação dos elementos indexados e não indexados; realização da análise formal do texto; descrição estrutural do conteúdo e a abstração analítica; realização da análise do conhecimento;* e por último, *realização da comparação contrastiva* (comparação mínima e máxima) para, assim, construir os eixos de análise ou, “modelo” teórico.

A propriedade de Schütze de conferir materialidade às investigações científicas cujos objetos empíricos são narrativas orais também assume grande relevância quando considerados os desafios próprios do campo pós-estruturalista, no qual teóricos tem qualificado o debate sobre os limiares de objetividade e subjetividade na percepção e na tradução da experiência. Relevante também o é para os estudos antirracistas pois, como demonstra Dei e Johal (2008), se intensificaram ao longo dos anos com o reforço mútuo da indagação crítica e do trabalho político no sentido de cimentar a mudança antirracista. Para os autores, “a investigação antirracista requer a subversão de processos convencionais de obtenção, interrogação, validação, e disseminação do conhecimento” (p. 19).

É no intuito de contribuir com tais reflexões que buscamos pela conciliação da aplicação de um circuito existente a uma dimensão autoral no processo investigativo, pois os protocolos consensuados pela pesquisa científica podem não dar conta de responder aos objetivos propostos na pesquisa, como também podem apresentar elementos desnecessários para a questão a ser investigada. Ao buscar ampliar as acepções de alguns termos do que Schütze propõe na etapa anterior à coleta dos dados empíricos, ou seja, antes da narração central, instigamo-nos à construção de um percurso metodológico autoral, em acordo com os objetivos da pesquisa e as demandas próprias de cada objeto, mas sobretudo baseado nos protocolos analíticos já desenvolvidos e validados pela academia na análise da cultura.

Construímos a abordagem dessa forma ancoradas em D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly (2011) para quem “a pesquisa narrativa carrega muito mais um senso de busca, de um ‘re-buscar’ ou um buscar novamente. A pesquisa narrativa relaciona-se mais com o senso de reformulação contínua em nossa investigação e isso está muito além de tentar apenas definir um problema e uma solução” (p. 169). Desse modo, observamos que Schütze defende que no momento da entrevista propriamente dita, deve-se deixar o entrevistado contar sua história a partir da formulação de uma “*questão central*”, também chamada de “*questão narrativa orientada autobiograficamente*”. Para tanto ele define que

...a **questão central** deve fazer parte da experiência do entrevistado e possuir relevância social, pessoal ou comunitária; ser ampla, para permitir ao narrador desenvolver uma história longa, com situações iniciais, e percorrer o passado até chegar à atual circunstância; e evitar formulações indexadas, as quais se caracterizam como perguntas sobre quem faz o que, quando, onde e o motivo. (p. 18).

Segundo o autor, neste momento, o pesquisador precisa mostrar-se atento, expor interesse não verbal ou para-linguístico e formular as “*perguntas iminentes*” para quando o entrevistado fizer a “*coda narrativa*”, ou seja, uma pausa longa. Ao explicar o método de Schütze, Moura e Nacarato (2017), nos dizem

No momento em que os entrevistados dizem “é isso”, “foi assim que tudo aconteceu”, “e foi assim”, “pois é...”, “que mais quer saber”, ou fazem uma pausa longa, ou seja, quando dão a **coda narrativa**, o entrevistador entra com as **perguntas iminentes**. Esse é o momento em que a escuta atenta do entrevistador produz seus frutos. (p. 19).

Destaquemos que na EN, ao incentivar a fala pelo depoente, o entrevistador não deve focar na veracidade daquilo que é dito pelo narrador, mas no que foi lembrado pela pessoa entrevistada, no que ela escolheu dizer quando nos forneceu a entrevista, como articula a

construção da história da sua vida, expondo subjetividades. Partindo da premissa de que a simples aplicação de um circuito existente em um trabalho biográfico, muitas vezes, não dá conta de responder ao rol dos objetivos propostos na pesquisa, friccionamos alguns aspectos do que Schütze propõe como procedimento para a etapa anterior à coleta dos dados empíricos, buscando ampliar os sentidos atribuídos pelo autor às expressões “*questão central*”, “*perguntas imanentes*” e “*coda narrativa*”.

ANÁLISE

Ainda que como pesquisadora-autora dos estudos aqui compartilhados, além de conhecer com intimidade o universo da pesquisa, tenha cultivado franca aproximação com as sujeitas pesquisadas em período muito anterior à coleta dos dados empíricos, certamente tais entrevistas não teriam sido exitosas se fosse aplicada às baianas de acarajé entrevistadas uma única “*questão central*”, suficientemente ampla e relevante, que fizesse com que a narração seguisse um esquema autogerador, como propõe Schütze.

Nesse sentido, ao acessar relatos de experiência de sujeitos situados em grupos subalternizados, é produtivo ao pesquisador se estimular a uma percepção analítica minuciosa e radical a respeito dos efeitos da memória colonial no racismo cotidiano e na crítica aos produtos e dispositivos da indústria cultural. bell hooks (1989) ao tratar da urgência de se caminhar do silêncio para a fala, nos diz que o silêncio surge como uma estratégia de sobrevivência, pois muitos indivíduos de grupos oprimidos aprendem a reprimir ideias, especialmente aquelas consideradas opositoras.

Devemos ainda considerar que as sujeitas da pesquisa demonstraram possuir diferentes modos de articulação do pensamento por meio das falas, aspecto gradualmente constatado ao longo das trocas ocorridas entre as entrevistadas no período destes estudos. Durante as entrevistas, vimos uma Dulce de perfil falante e o pensamento acelerado, que frequentemente a desvirtua do tema central da questão apresentada. Sueli demonstrou-se introspectiva e mais direta na resposta às perguntas. Rosilene, por sua vez, tem o pensamento bem articulado à fala e relacionou sua vida pessoal à estrutura da sociedade de forma bastante consciente. Percebê-las em suas singularidades é imprescindível para compreender os sentidos das “*codas narrativas*”, ou das longas pausas, bem como para desenvolver a acuidade necessária na formulação das “*perguntas imanentes*”, uma vez que trata-se de mulheres negras, historicamente desestimuladas a falar publicamente sobre si.

Estas dimensões circunstanciam o fato de que, embora inspirado no Protocolo da EN de Schütze, este trabalho, em sua etapa de coleta dos dados empíricos, precisou ampliar os sentidos atribuídos às “*perguntas iminentes*”, propondo, a partir destas análises, um roteiro para a condução da entrevista, modulado em esquema semiestruturado, com perguntas sequencialmente orientadas a buscar uma narração autobiográfica das personagens reconstituindo as experiências que guardassem correlação com as perguntas da pesquisa, de maneira a ser possível identificar a incidência de fenômenos singulares à cada experiência e fenômenos comuns às três mulheres, além de reconhecer possíveis recursos de enfrentamento e mudança social.

PROPOSTA

O que está proposto, portanto, é o relato da experiência da aplicação do Protocolo de Entrevista Narrativa (EN), idealizado por Fritz Schütze (2011), no contexto do desenvolvimento da pesquisa intitulada “*O que é que a baiana diz? Enunciações de identidade e memória das baianas de acarajé*” (Oliveira, 2022), desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Serão compartilhados os contextos dos encontros da pesquisadora com as entrevistadas, os achados analíticos no pré-teste em 2017; as leituras que orientaram a elaboração do roteiro da entrevista; a estrutura de captação de som e áudio; definição dos locais; agendamento com as entrevistadas; protocolos de autorização de uso de imagem e voz no contexto da pesquisa científica; transcrição, classificação e análise das entrevistas.

CONCLUSÃO

Esta comunicação foi pensada para que educadores, alunos, investigadores e ativistas situados no campo pós-estruturalista, pesquisadores de narrativas do cotidiano de indivíduos minorizados no contexto dos países da América Latina (Martin-Barbero, 2009), reunidos em torno de um esforço intelectual que aponte para uma revisão crítica do impacto do racismo na Comunicação, conheçam uma experiência crítica na aplicação do Protocolo de Entrevista Narrativa (Schütze, 2011), assumida como caminho metodológico para a obtenção de dados empíricos no subsídio à análise cultural na Pesquisa em Comunicação.

Dessa maneira, contribui-se para a assimilação do lugar de criação do receptor, as complexidades das experiências dos sujeitos da pesquisa, compreendendo as dinâmicas que expressam simultaneidade das opressões, percebendo em seus depoimentos as vias do silêncio, do não dito e da intersubjetividade do discurso que evidencia a presença de sistemas de valores. Diante disso, como resultado, espera-se qualificar o pensamento narrativo do pesquisador que busca, em seu esforço de análise cultural, o entendimento aprofundado sobre os sentidos da experiência, trazendo a narrativa como posição estratégica. Acreditamos que as histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os recém pesquisadores em suas comunidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. **Escravos e o mundo da comunicação**: oralidade, leitura e escrita no século XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: MauadX, 2016.

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. / . Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COIRO MORAES, A. L. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, p. 28-36, janeiro-junho/2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DEI, George J. Sefa; JOHAL, Duerpreet Singh (org). **Metodologias de investigação anti-racistas**: questões críticas. Portugal: Edições pedagogo: 2008.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo, Elefante, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: Vera França; César Guimarães. (Org.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006. p. 19-27.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. As formas mestiças da mídia. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 163, set. 2009. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em: 22 jul 2024.

MOURA, Jónata Ferreira de; NACARATO, Adair Mendes. A Entrevista Narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 24, n. 1, p. 15–30, Abr/2017. Disponível em: <https://periodicosletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1758>. Acesso em: 30 mai 2024.

OLIVEIRA, Renata Dias. **O que é que a baiana diz: Enunciações de identidade e memória das baianas de acarajé**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mídias e Formatos Narrativos. Cachoeira – Bahia, 2022. 142f. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Renata_Dias_Oliveira__2022.pdf. Acesso em: 22 jul 2024.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. A entrevista narrativa como instrumento na investigação dos fenômenos sociais na linguística aplicada. **Revista The Specialist**. Vol. 39, n. 3 (2018). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/34195>. Acesso em 15 de fev. 2022.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.